

Amanda Teixeira da Silva

Doutoranda em História Social pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Professora do curso de História da Universidade Federal do Cariri – UFCA.

***ENTRE A CONFISSÃO E A DESCRIÇÃO:
OLHARES SOBRE O DIÁRIO DE
FRANCISCO FREIRE ALEMÃO***

Resumo

Este artigo pretende discutir as relações entre diários de viagens e diários íntimos a partir da narrativa de Freire Alemão, presidente da Imperial Comissão Científica. O objeto deste estudo é o diário mantido por Freire Alemão entre 1859 e 1860, período em que esteve no Crato com o objetivo de coletar espécimes botânicos para a sua pesquisa.

Palavras-Chave: Diário de viagem; Diário íntimo; Comissão das Borboletas.

Abstract

This article discusses the relationship between intimate diaries and travel journals from the narrative of Freire Alemão, president of Imperial Scientific Committee. This study intends to analyze the diary kept by Freire Alemão between 1859 and 1860, period he was in Crato in order to collect botanical specimens for his search.

Keywords: Travel Diary; Diary; Comissão das Borboletas.

As fontes prediletas dos historiadores foram, por muito tempo, os relatos de viajantes. Na Antiguidade, Heródoto já se servia de testemunhos para escrever sua “História”. Essa tendência se firmou e continuou a ser preponderante até o século XIX, quando os historiadores metódicos passaram a privilegiar documentos oficiais e a buscar a cientificidade da história (e, conseqüentemente, sua objetividade). A partir do final do século XX, no entanto, o uso desse tipo de narrativa como fonte voltou com bastante força e passou a ser problematizado pelos historiadores com maior frequência. Relatos de viajantes, diários e correspondências – bem como biografias e autobiografias – passaram a ser enquadrados num nicho que recebeu a alcunha de “Escritas de Si”.

Segundo Angela de Castro Gomes, a partir da década de 1990 o país viu surgir uma espécie de “boom de publicações de caráter biográfico e autobiográfico” (GOMES, 2004, p. 7). A visibilidade dada a esses escritos concernentes à memória acabou chamando a atenção dos historiadores, que passaram a se preocupar com uma reflexão mais aprofundada sobre o tema. O debate sobre a dimensão subjetiva dessa documentação só pôde se dar graças às novas perspectivas teóricas e metodológicas dos historiadores, que desde o advento da Escola dos Annales passaram a valorizar também as fontes produzidas no âmbito privado. É preciso salientar, no entanto, que este tipo de documentação atualmente não é considerado apenas como fonte, mas também como objeto da pesquisa histórica.

Antes de tratar sobre a necessidade de levar em conta as especificidades de cada um dos gêneros autobiográficos, é importante destacar que a autobiografia e as modalidades afins foram por muito tempo banidas do cânone literário. Assim, esses “ego-documentos” foram marginalizados e acabaram sendo escamoteados para uma espécie de limbo situado entre a literatura, a crônica e o relato histórico. Embora recentemente os historiadores tenham olhado para esses escritos com mais atenção – dando destaque para a escrita epistolar –, cabe ressaltar a importância das outras vertentes da escrita autorreferente de indivíduos “comuns”, assim como de políticos e literatos.

O objetivo deste artigo é analisar o diário de viagem produzido por Francisco Freire Alemão, médico que ocupou a cadeira de Botânica e Zoologia da Escola de Medicina do Rio de Janeiro. Freire Alemão era formado pela Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro e doutor pela Faculdade de Medicina de Paris. Presidiu a Imperial Comissão Científica, expedição idealizada pelo IHGB e financiada pelo governo imperial que foi pioneira nos estudos desenvolvidos sobre o Brasil e idealizava a produção do conhecimento através de uma pesquisa encabeçada e composta somente por brasileiros encarregados de organizar viagens exploratórias às Províncias do Norte.

O presente estudo levará em conta as peculiaridades de um documento que tem as marcas

do diário pessoal, mas não chega a se caracterizar como narrativa plenamente íntima ou autobiográfica. É importante recordar que os relatos de viajantes são extremamente comuns e constituem há muito tempo fontes bastante caras para a história do Brasil. A historiografia colonial, por exemplo, deve muito a sujeitos com Jean Léry, Von Martius, Hans Staden etc. Nos estudos sobre o Império, as impressões de Debret, Rugendas e Gardner sobre o país também são fontes bastante utilizadas.

Gostaria de ressaltar ainda a importância de outros viajantes estrangeiros que visitavam o país no período em que o botânico brasileiro escreve suas memórias: o francês Charles Ribeyrolles e o alemão Carl Von Koseritz chegaram ao Brasil na segunda metade do século XIX. Ao aportarem, observaram e classificaram tipos, costumes e normas de comportamento brasileiras. Depois de algum tempo, se misturaram ao ambiente, se tornaram íntimos dos habitantes e se familiarizaram com os problemas: “reclamam do calor, dos mosquitos, das chuvas torrenciais, do descaso das autoridades, dos cocheiros e dos caminhos para os diferentes sítios, da situação política” (MAUAD, 1997, p. 187), assumindo posições críticas que são comuns aos “*outsiders*”.

Assim, o diário de Freire Alemão se insere numa tradição iniciada por viajantes europeus (especialmente por naturalistas) que se dedicaram a analisar as riquezas e peculiaridades de lugares distantes. A surpresa de Alemão, um “científico” que habitava a corte, diante de certos costumes peculiares dos sertanejos pode ser comparada, portanto – guardadas as devidas proporções – ao estranhamento sentido por pesquisadores vindos do exterior.

A Comissão Exploradora foi criada em 1856 e tinha o objetivo de investigar as riquezas naturais de uma região do Brasil até então pouco explorada. Os “científicos”, influenciados pelo manuscrito “Lamentações Brasileiras”, do Padre Francisco Teles de Meneses, tinham esperanças, inclusive, de encontrar jazidas de ouro no interior do Ceará, além de outras espécies de minerais, tais como fósseis relevantes para a petrografia. Com o objetivo de explorar as Províncias do Norte, foram adquiridos mais de mil livros e também grande quantidade de instrumentos de pesquisa.

A Expedição foi dividida em cinco seções: Botânica, dirigida por Freire Alemão (que também era o presidente da Comissão); Geologia e Mineralogia, chefiada por Guilherme Schüch de Capanema; Zoologia, dirigida por Manoel Ferreira Lagos; Astronomia e Geografia, comandada por Giacomo Raja Gabaglia e, finalmente, uma quinta seção que se debruçaria sobre os aspectos etnográficos e sobre a narrativa de viagem, encabeçada por Antônio Gonçalves Dias. O desenhista da Comissão era José dos Reis Carvalho. Apesar do grande interesse que o tema inspira, o presente artigo se dedicará a analisar somente o diário de viagem produzido pelo chefe da seção de Botânica, Freire Alemão.

Para conduzir melhor o desenvolvimento dos trabalhos, a Comissão foi dissolvida – por

critérios de estudos e afinidades pessoais – em três turmas. A primeira era composta pela Seção Botânica e Zoológica, mas também levava consigo o pintor Reis Carvalho; a segunda era a Seção Geológica e Etnográfica. A terceira comissão, Astronômica e Geográfica, era a mais numerosa. Ao chegarem em Fortaleza, os membros das diferentes seções combinaram que se reencontrariam na cidade de Crato para fazer o balanço dos resultados da viagem.

Os estudiosos passaram, entre idas e vindas, dois anos e cinco meses no Ceará (de fevereiro de 1859 a julho de 1861). Havia, porém, uma porção de críticas a esta empreitada científica que possuía o apoio pessoal de D. Pedro II¹. Opositores apregoavam que enviar tantos pesquisadores para os sertões com o objetivo de “caçar borboletas” era um desperdício de dinheiro público². Chegou a ser cunhado então um novo cognome para a Expedição, que passou a ser conhecida por muitos como “Comissão das Borboletas”. O comportamento libertino e boêmio de alguns membros da Comissão, por outro lado, legou à Expedição o apelido de “Comissão Defloradora”.

Quando os “científicos” chegaram a Fortaleza, instalaram-se num luxuoso sobrado na Praça Pedro II (atual Praça do Ferreira). Gonçalves Dias e Capanema, no entanto, preferiram habitar outra residência, que ficou famosa pela sua agitação. Segundo Freire Alemão, ambos “percorriam as ruas mais públicas, faziam provocações e gracejos atrevidos e impudicos às moças. As senhoras recolhiam-se e fechavam as janelas quando os viam. Capanema foi várias vezes encontrado caído nas ruas, em estado de embriaguez” (ALEMÃO *apud* BRAGA, 1962, p. 52). Lagos, companheiro constante de Freire Alemão durante sua estadia no Cariri, também era conhecido como um sedutor. Dizia-se, inclusive que fora surrado por ter sido encontrado no interior de uma casa de família.

Essas e outras singularidades comportamentais dos estudiosos contribuíram para que a Expedição não fosse bem quista em Fortaleza, embora tenha sido recebida com admiração no Crato:

Os viajantes foram bem acolhidos no Crato e demais localidades do Cariri. A todos causou estranheza [...] a simplicidade de maneiras dos “doutores” a contrastar violentamente com a arrogância dos donos de engenho e autoridades. João Brígido³ ficou encantado com a presença da ilustre companhia e serviu-lhe de cicerone. (BRAGA, 1962, p. 65)

¹ Cabe ressaltar que o próprio imperador valorizava as viagens exploratórias e mantinha diários sobre os lugares que visitou. Para José Murilo de Carvalho, D. Pedro II “tinha vocação de andarilho e uma vontade insaciável de conhecer novos lugares e pessoas [...]. Escreveu diários de quase todas as viagens, pelo Brasil e pelo exterior. Neles anotava detalhadamente todos os passos, os locais visitados, a geografia, a temperatura, a altitude, as pessoas com quem falava e o assunto das conversas [...]. Os diários de viagens ao exterior pareciam relatórios para ser lidos pela condessa de Barral”. (CARVALHO, 2007, p. 137).

² Segundo Maria Sylvia Porto Alegre, “as críticas partiam principalmente dos chamados “livre-cambistas”, opositores da política protecionista do governo à indústria nacional (...). A oposição ao governo valia-se do argumento do mau uso dos recursos financeiros, aproveitando para reclamar que a verba da Casa Imperial ficava totalmente a critério do imperador”. (ALEGRE, 2003, p. 38)

³ João Brígido foi um dos mais importantes políticos e jornalistas do Ceará do século XIX, tendo atuado como professor, historiador, advogado, deputado e senador. Era o redator da crônica histórica “*Apontamentos para a História do Cariri*” publicada em 1859 no jornal “*O Araripe*”.

Segundo Renato Braga, ao chegar em Fortaleza, a comissão empolgou a todos e passou a ser o assunto predileto das conversas. Todas as portas se abriram aos científicos e tornou-se de bom tom participar do convívio com os estudiosos. Mas com o tempo este fascínio foi sendo substituído pela desconfiança que os habitantes nutriam diante do comportamento da maioria dos participantes, que por vezes eram vistos como pessoas encarregadas de roubar as riquezas que por acaso fossem encontradas e, noutros momentos, eram considerados como homens desregrados, que não respeitavam as convenções e agiam de forma imoral.

No diário do botânico nem todas essas questões conflituosas se fazem presentes, mas é possível vislumbrar aspectos que contribuem para a compreensão das falhas e méritos da expedição, bem como do caráter plural da personalidade do “científico” que o escreveu. Através das memórias de Alemão também é possível traçar um panorama do contexto social em que viviam os sertanejos daquela época.

Freire Alemão redigiu um diário que se iniciou logo após sua chegada ao Ceará, em 30 de março de 1859 e terminou em 24 de julho de 1861, quando retornou definitivamente ao Rio de Janeiro. Tal diário permaneceu inédito⁴ até 2006, quando o Museu do Ceará publicou o primeiro dos dois períodos (que vai de 16 de agosto de 1859 a 7 de setembro de 1860) em que Freire Alemão esteve no interior da província. Neste artigo, darei atenção especial à segunda temporada, que compreende os períodos em que o estudioso esteve na região do Cariri, mais especificamente em Crato⁵.

Os escritos de Alemão não são marcados apenas pela análise da flora cearense, como se poderia esperar de um botânico, mas também por observações sobre o clima, o relevo, os hábitos alimentares, os topônimos, as condições econômicas, o traçado urbano, a cultura material, os aspectos da arquitetura e episódios remotos e recentes ocorridos nas localidades visitadas (SILVA FILHO, 2006, pp. 12-13). Para melhor compreensão desse aspecto plural do diário de Alemão, é preciso levar em conta que

A iconografia e os relatos de viagem buscam [...] descrever de modo exaustivo e profundo os diversos elementos que compõem cada lugar. Esse aspecto do trabalho científico dos naturalistas do século XIX pode parecer, aos leitores do século XX, meramente “pitoresco” ou “romântico”, no sentido pejorativo que a palavra adquiriu. No século XXI, para rejeitar os possíveis anacronismos interpretativos, é preciso compreender que, para os naturalistas do século XIX, a ciência devia buscar descrever a totalidade de elementos que atuavam em um fenômeno local. É como se cada parte contivesse o todo. Uma fisionomia

⁴ Exceto um fragmento publicado nos Anais da Biblioteca Nacional em 1861 (volume nº 81), intitulado “Notas sobre Fortaleza e Pacatuba”. O primeiro volume publicado pelo Museu do Ceará compreende o trecho de Fortaleza ao Crato (de agosto a dezembro de 1859); o segundo abrange desde a estadia no Crato até a volta ao Rio de Janeiro (dezembro de 1859 a julho de 1860).

⁵ Ou seja, de 8 de dezembro de 1859 a 29 de janeiro de 1860 e de 8 de março a 20 de abril de 1860.

particular seguiria a mesma lógica de relações harmônicas e de simpatias que, supunha-se, regiam a vida cósmica. (KURY, 2001, p. 970)

Deste modo, embora o diário de Freire Alemão pareça possuir certos aspectos de crônica, na medida em que tenta abordar os hábitos da gente do sertão – bem como os ambientes frequentados pelas elites e as particularidades de certas práticas “ladinas” comuns entre os habitantes pobres dos locais que visitou – é preciso levar em consideração que o autor seguia o modelo *humboldtiano*⁶, cuja orientação era retratar da forma mais complexa e variada os lugares visitados. O botânico parece ter levado a sério a orientação, mas seu diário possuía também alguns traços menos científicos e bem mais subjetivos: Alemão não se furtava a tecer comentários sobre a beleza das moças que encontrava, por exemplo, ou sobre a impertinência de certos visitantes e o apreço do sertanejo pelas conversas nas calçadas.

Catalogando memórias: relações e distinções entre os diários íntimos e os relatos de viagem

A manutenção de um diário pessoal é geralmente uma “atividade secreta”, que costuma se desenvolver a partir de uma nova fase na vida daquele que escreve: uma viagem, um novo relacionamento amoroso ou uma crise são momentos privilegiados para o início de um diário. Do mesmo modo, existem diversos meios de terminar um diário: a interrupção, a destruição, a releitura e a publicação são formas destacadas por Philippe Lejeune, estudioso francês que se debruça prioritariamente sobre o tema da autobiografia. Segundo o autor, certos diários possuem, inclusive, fins programados: é o caso dos diários de férias, de viagem, de trabalho ou de pesquisa. O diário de Freire Alemão se insere nessa última categoria: sua duração é restrita ao tempo das viagens que o botânico fez com o objetivo de explorar as Províncias do Norte.

A base do diário, segundo Lejeune, é a data. Para o autor, “o diário é uma série de vestígios datados” (LEJEUNE, 2008, p. 296), que sempre se inscreve no tempo, na duração. No entanto, o diário não precisa ser escrito todos os dias: este tipo de prática costuma conviver bem com irregularidades, fragmentações e pausas, e também com continuidades e descontinuidades. O diário pode ainda ser coletivo, público ou pessoal, servindo “sempre para construir ou exercer a memória de seu autor” (LEJEUNE, 2008, p. 261). É preciso observar, no entanto, que o diário é mais frequente entre pessoas instruídas, pois pressupõe certo grau de alfabetização e de apreço pela

⁶ Alexander Von Humboldt defendia que “impressões estéticas experimentadas pelo viajante em cada região fazem parte da própria atividade científica e não podem ser substituídas por descrições ou amostras destacadas dos lugares onde foram coletadas” (KURY, 2001, p. 865). Deste modo, o modelo *humboldtiano* orientou uma maneira específica de retratar os lugares estudados pelos viajantes. Para os naturalistas que seguiam o explorador alemão, a fisionomia de um lugar depende não apenas da quantidade, da variedade e da sociabilidade das plantas e dos animais locais, mas também do tipo de relação que os habitantes estabelecem com a natureza ao longo do tempo.

leitura e pela escrita.

O diário pode possuir várias funções, dentre as quais a de expressar, de refletir, de lembrar ou simplesmente a de escrever pelo prazer de escrever, mas seus compromissos primordiais são com a memória e a organização. Deve ser considerado como uma arte da repetição e da variação, pois todos os diários possuem ritmos próprios, trazendo elementos antigos e apresentando novidades. Este tipo de “Escrita de Si” também costuma apresentar claramente algumas “curvas de temperatura”. Às vezes pode-se escrever mais, noutras se escreve menos. Apesar de conter todas essas variações, este é um tipo de escrita que obedece a formas rígidas e que geralmente não incorpora correções: o rascunho é também a versão final.

De acordo com Lejeune, embora a palavra “diário” pareça ter surgido no século XVIII, a prática tornou-se mais comum a partir do século XIX, quando as meninas eram estimuladas a manterem diários que eram comumente inspecionados pelos educadores. Alguns autores também apontam uma ligação do surgimento do diário com a constituição do individualismo moderno. A partir de então, nasce o conceito de privacidade, a separação entre doméstico e público e, por outro lado, as vidas de pessoas desconhecidas passam a ser valorizadas e vistas como relevantes:

Nesse novo espaço privado, uma das práticas fundamentais é a relação com a escrita, seja lendo, seja escrevendo. Para Chartier, o contato maior ou menor com a escrita significará uma maior ou menor independência em relação às formas tradicionais de vivência e sociabilidade. A escrita torna possível aos homens não mais dependerem de uma elite: os clérigos; [...] a escrita torna possível o isolamento individual que será fundamental para a vida moderna e, além disso, a escrita contribuirá para a disseminação do conhecimento. (PIRES, 2010, p. 3)

Se há predominância de elementos subjetivos, reflexões psicológicas e “acontecimentos interiores” no diário íntimo, o diário de viagem, embora não se destine necessariamente a disseminar conhecimento, surge muitas vezes para provocar uma reflexão acerca do trabalho de campo e da pesquisa desenvolvida, como será possível observar a seguir. Não obstante, este tipo de documento não deixa de se configurar como um diário pessoal, carregando consigo as características que essa modalidade de diário comumente deve ter.

A memória e a narrativa, como se sabe, são necessárias para a constituição da identidade, e o diário, na medida em que envolve tanto uma quanto a outra, incorpora características destes dois elementos, dentre as quais a seletividade, que o leva a reter apenas algumas facetas dos dias vividos por aquele que escreve. Um diário “não íntimo”, como seria o de Alemão, parece lidar de forma ainda mais conflituosa com esse elemento, pois deve incorporar a autocensura necessária quando trata de temas relevantes – como a política de seu tempo – e, principalmente, quando a narrativa envolve informações pessoais.

Os diários de viagem (assim como os diários públicos) são considerados por alguns

estudiosos como “pré-diários”, ou seja, como diários que não devem ser inteiramente considerados como “escritas do eu”, modalidade que veio à tona somente com o advento dos diários íntimos. Para compreender melhor essa questão, basta considerar que os diários públicos, de registro pessoal e de viagem são escritos com a perspectiva de que provavelmente haverá um leitor, enquanto os diários íntimos geralmente estão envoltos por uma aura de segredo. O diário íntimo tem como destinatário privilegiado o próprio escritor, mas poderá sobreviver àquele que o escreveu e ser lido por seus sucessores. Os diários de viagem, por outro lado,

[...] muito comuns entre os séculos XV e XVIII, refletiam as viagens de caráter exploratório ou não, trazendo informações sobre a geografia específica, terreno, possibilidade de rotas, fauna e flora, mas também curiosidades sobre os povos nativos e a expressão do sentimento associado a cada uma dessas experiências. (OLIVEIRA, 2002, p. 32-33)

Os tradicionais diários de viagem, na Europa do século XVII e na América do século XIX, eram muitas vezes mantidos como *souvenirs*, como lembranças possivelmente compartilhadas com pessoas que não fizeram parte das comitivas, e até mesmo como livros de informações, que seriam enviados como presentes a amigos e parentes⁷. Esse gênero de escrita autorreferente foi comum em todo o mundo, tendo como provável expoente os diários de Charles Darwin: seu *Journal of Researches* foi a base para a produção de seu revolucionário “*A Origem das Espécies*” (OLIVEIRA, p. 34-35). Os diários de cientistas e naturalistas, portanto, apresentam as marcas do diário pessoal, mas devem ser considerados preponderantemente como suportes para a memória e instrumentos para a reflexão sobre o que foi visto nos lugares percorridos.

Um palaciano nos sertões: notas sobre o diário de Freire Alemão

Freire Alemão escrevia quase todos os dias. Seu diário não é predominantemente lacunar, mas contínuo. Mesmo quando deixava de escrever, o botânico se esforçava por relatar o que ocorrera nos dias em que não pôde se dedicar ao diário. Alemão era também bastante organizado e tentava apresentar linearmente os acontecimentos. Essas características são comuns ao seu ofício, aparentemente realizado com muito afinco, disciplina e cuidado.

Há indícios de que Freire Alemão tenha sido bastante minucioso em sua pesquisa. A Biblioteca Nacional possui na Seção de Manuscritos numerosos desenhos de espécimes vegetais que colheira: tais ilustrações atestam o cuidado em retratar a flora que encontrou nas Províncias do Norte. Em suas cadernetas também constam desenhos de cenas de suas viagens e de peculiaridades

⁷ Rita de Cássia de Jesus Morais afirma, em sua dissertação de mestrado sobre a trajetória acadêmica de Freire Alemão, que os apontamentos do botânico, por exemplo, relatam “as mais diversas impressões das viagens feitas para os trabalhos da seção botânica [e] se configuram como diários de viagem. Para a família, o teor de algumas cartas era o semelhante ao utilizado nos apontamentos, e é provável que sua irmã Policena Freire os tenha lido também quando de seu retorno ao Rio de Janeiro”. (MORAIS, 2005, p. 75)

da arquitetura cearense, tais como portas, janelas, telhados, fechaduras e ferrolhos etc. A despeito de seu diário registrar que o estudo e a coleta de vegetais se davam somente pela manhã, é possível perceber que o botânico se dedicava bastante à investigação científica.

O relato das memórias de Alemão termina concomitantemente com a estadia nas Províncias do Norte, provavelmente porque seu intuito era justamente se debruçar sobre a experiência proporcionada pela própria viagem. Assim como os europeus descreviam as paisagens e os aspectos humanos considerados mais exóticos e pitorescos, os viajantes da Comissão falavam sobre as peculiaridades de uma região inexplorada pelo Império até aquele momento, e provavelmente sentiam a necessidade de anotar os acontecimentos para fixar melhor as lembranças.

O diário abordado neste artigo se inicia em 8 de dezembro de 1859. Freire Alemão conta que chegou ao Crato às dez horas da manhã e que almoçou na casa do tenente-coronel Antônio Luís Alves Pequeno Junior, um comerciante, político e proprietário de terras local. Logo após, voltou à sua residência e recebeu a visita de outros personagens importantes, evento que se repetiria infinitamente durante a temporada que passa na região. Dois dias depois, na manhã do dia 10, já menciona ter iniciado o estudo de algumas plantas e começa a se queixar do grande número de mendigos que o procuravam:

Uma das coisas que mais aqui nos atormentam é a quantidade de pobres, de órfãos, de aleijados, de cegos, de presos de cadeia, que nos vêm pedir esmolas, de joelho e chorando. É uma miséria terrível e nós não podemos satisfazer a todos e nos achamos em grande embarço [...]. Uma maneira que eles têm de levar-nos dinheiro é singular: trazem-nos um presente (são ovos, mangas, animais, galinhas etc. etc.) e é claro que a esmola deve ser superior ao valor do presente [...]. Não é um modo engenhoso de obter dinheiro? Às vezes nos vemos tão aborrecidos, que tomamos o presente e o restituímos no mesmo momento sem lhes dar nada, com o que não vão contentes. (ALEMÃO, 2007, p. 14)

A despeito da compaixão que diz sentir pelos miseráveis, Freire Alemão se mostra bastante incomodado com o fato de os pobres da cidade suporem que os “científicos” são abastados e podem satisfazer a todos com esmolas. Agasta-se especialmente com a astúcia daqueles que tentam fazê-los comprar compulsoriamente algo que não desejam. O costume parece ser muito comum, tanto que o botânico já o relata com familiaridade em seu terceiro dia no Crato. Alemão percebe ainda que alguns habitantes tentam lucrar oferecendo informações sobre a fauna do lugar. Com efeito, Renato Braga afirma que os sertanejos utilizavam

[...] uma aguda solécia em suas relações com os comissários e seus agentes. Exploravam-nos quanto podiam, vendendo e servindo pelos olhos da cara. Em grupos acudiam aos locais em que estivessem arranchados, à procura de remédios para suas mazelas. Eram examinados e medicados com toda a solícitude. Os doutores, fossem médicos ou não, tinham de atendê-los. (BRAGA, 1962, p. 60)

Assim, além de ter que conviver com as diferentes maneiras que os pobres encontravam para garantir auxílio financeiro, muitas vezes os integrantes da Comissão tiveram também que

prestar auxílio médico⁸, como no caso em que um homem esbordoou a mulher adúltera e deu-lhe “três facadas pelas costas, que lhe vararam os pulmões. O Lagos foi chamado e fez o curativo...”. (ALEMÃO, 2007, p. 40).

Mas nem só de aborrecimentos é composto este diário, que também relata a preguiça das tardes quentes, as anedotas que escutava nas residências que visitou e as conversas sobre rivalidades entre Crato e Icó. De todo modo, um aspecto que realmente parece indignar o autor é a miséria da população que, segundo ele, às vezes prefere viver dos frutos da floresta, levando uma vida “de selvagem” do que sujeitar-se a trabalhar (ALEMÃO, 2007, p. 15).

Gardner, botânico inglês que também visitara Crato em fins de 1830, já havia criticado esse costume: “os nativos por hábito extremamente indolentes, podendo com pouco trabalho colher quanto lhes baste ao sustento da vida, nada mais parecem querer além disso” (GARDNER, 1975, p. 95). Essa opinião dos viajantes acerca da indolência nativa era comum entre naturalistas estrangeiros que visitavam o Brasil. Alemão parece ter absorvido o ponto de vista europeu: passou a ver as práticas do extrativismo e da coleta de frutos da floresta como hábitos relacionados à preguiça.

Os europeus geralmente associavam a indolência ao clima quente dos trópicos. Talvez por este motivo, “ao reavaliar de forma positiva o determinismo ambiental e ao inverter as concepções eurocêntricas, muitos conceberam a ideia de que só um brasileiro pode conhecer o Brasil” (KURY, 2006, p. 87). Assim, para alguns intelectuais, a única maneira de desatrelar os preconceitos e determinismos eurocêntricos das análises sobre o país seria entregar a pesquisadores brasileiros a tarefa de estudar o Brasil. Sob certos aspectos, no entanto, essa experiência foi malfadada, visto que alguns estudiosos mantiveram cristalizadas as conclusões a que haviam chegado os naturalistas europeus.

Nesse sentido, o tal espírito nacionalista que animava a Comissão nessa época de viajantes estrangeiros – e que levava os brasileiros a desejarem descobrir o Brasil por conta própria – se viu perdido num amálgama de ideias ainda dominadas por certas concepções europeias, como afirma Maria Sylvania Porto Alegre em seu estudo sobre a “Comissão das Borboletas” (2003, p. 26-27).

Entre os conflitos ideológicos, políticos e sociais que permeavam o trabalho dos “científicos”, é possível perceber, através do diário de Alemão, que a relação de camaradagem travada entre os pesquisadores e a elite é bastante diferente daquela mantida com a população necessitada, que vê nos estudiosos um meio de aliviar sua miséria. Freire Alemão é geralmente descrito como um intelectual bastante austero, e talvez por isso relate com tanta frequência o quanto se sentia agredido por certos costumes populares que pareciam não causar tanto incômodo

⁸ É importante lembrar que praticamente inexistiam médicos morando no Cariri de meados do XIX, e que tais profissionais costumavam passar apenas pequenas temporadas na cidade, daí advém a razão que levava a população a buscar com tanta sofreguidão o auxílio dos “científicos”. (Cf. PINHEIRO, p. 137-140)

a outros membros da Comissão.

Em algumas passagens de seu diário, no entanto, o botânico parece deixar de lado sua severidade para comentar sobre os atributos das mulheres que via na igreja, “pela maior parte pardas (cabras) e mamelucas; entre elas algumas carinhas bonitinhas” (ALEMÃO, 2007, p. 17). Noutros momentos, o rigor moral do botânico parece desaparecer, especialmente quando relata que ele, Lagos e Reis “tomam chá” com belas moças no quarto. É comum encontrar no diário trechos como o que se segue: “às oito horas tomamos chá no quarto do Lagos em boa companhia (eram quatro negrinhas do Crato)” (ALEMÃO, 2007, p. 24). É desnecessário lembrar que no século XIX devia ser incomum o hábito de mulheres respeitáveis tomarem chá nos quartos masculinos. As senhoras do sertão eram pudicas a ponto de ficarem comumente trancadas nos quartos, nas despensas ou copas, sem aparecerem às vistas dos homens nem mesmo durante as refeições.

É interessante notar que mesmo em viagens para conhecer a região, como a que fizeram em direção às nascentes do rio Batateira, os científicos tiveram a companhia de moças solteiras:

Levantamos mais cedo, tomamos uma xícara de café e montamos a cavalo. Eu e o Lagos fomos para a casa do Sr. Carlinho [...] com o qual estava ajustada uma viagem às nascentes do Batateira. Achamos quatro senhoras prontas (a mulher do Sr. Carlinho, a mulher do outro companheiro de viagem, Sr. Capitão-mor e mais duas moças, gentis solteiras, e filhas de Sobral). (ALEMÃO, 2007, p. 37)

O botânico revela ainda que durante esta curta aventura na Chapada do Araripe, o que mais gostou “foi ver as moças comerem goiabas desde que chegaram até às quatro horas, em que se pôs o jantar” (ALEMÃO, 2007, p. 37). É nesses raros momentos de leveza que Freire Alemão expõe particularidades do cotidiano de homens que, ao se aventurarem deixando família e amigos na corte em prol de uma pesquisa que visava desvelar as riquezas ocultas do país, terminaram buscando companhias locais não apenas porque precisavam ser guiados com mais propriedade pela região pouco conhecida, mas também porque desejavam aplacar a solidão.

Alemão também buscou a amizade de homens influentes, como o juiz de direito. Frequentava ainda a casa de João Brígido, do Dr. Macedo⁹ e, principalmente, a roda de conversas de Antonio Sucupira. Muitas vezes, no entanto, deixou de ir a missas, procissões, novenas e saraus porque tinha saúde débil e adoecia com frequência, como narra na seguinte passagem: “De noite grande concurso para a novena. Eu, doente, fiquei só em casa, ouvindo daí a música e canto da igreja, repiques, foguetes e o murmúrio popular. Triste consolação!” (ALEMÃO, 2007, p. 22).

A amizade que nutria por alguns personagens do Crato não o impedia, no entanto, de

⁹ Marcos Antonio de Macedo nasceu em 1808, no Piauí. Formado em direito pela faculdade de Olinda, no ano de 1836, tinha vários interesses em comum com Freire Alemão, como a botânica, a zoologia e a mineralogia. Também foi amigo do famoso naturalista britânico George Gardner, que visitou o Crato em fins da década de 1830. Segundo Irineu Pinheiro, era filho de um homem branco com uma índia. Visitou a Europa três vezes e possuía propriedades em Crato e Juazeiro. Foi deputado e presidente do Piauí. (PINHEIRO, 1963, pp. 419-422).

criticar certas práticas locais, como a de pessoas físicas que se apropriavam de documentos públicos:

Fiz alguns trabalhos botânicos e alguns extratos do antigo livro da Câmara do Crato, que contém os atos de criação da vila etc. Este livro está em mãos dum particular e decerto não volta mais para o Arquivo! Também todo o Arquivo da Câmara está em casa do João Brígido, que o está estragando!!! (ALEMÃO, 2007, p. 69)

Entre doenças, saudades do Rio de Janeiro e calor, Alemão passa o Natal no Crato, impressionando-se com uma particularidade dos habitantes da cidade: apesar dos festejos e da grande quantidade de doces e bebidas existentes na feira fronteiriça à casa em que se encontrava, não viu nenhum bêbado, e “isto é observação que temos feito desde a capital. Raríssima é a pessoa do povo que se vê bêbada pelas praças e ruas” (ALEMÃO, 2007, p. 20).

Deste modo, é possível afirmar que o interesse que Alemão sente pela região vai muito além da botânica. O estudioso compra documentos, por exemplo, para “aproveitar alguns nomes antigos de lugares e homens” (ALEMÃO, 2006, p. 24). Passa a ler o periódico “*O Araripê*”, impresso no Crato. Faz questão de visitar o lugar da forca que se levantou para a execução de Pinto Madeira¹⁰, e pede material também sobre a história do local:

Hoje chegou o portador do Sr. Canuto, trazendo uma carta e o folheto denominado *Buril da História*, que ele me havia prometido e que foi para mim uma decepção; eu esperava uma história de Pinto Madeira e seus feitos, mas o tal folheto não é mais que uma coleção de ofícios do tempo da Guerra da Independência. (ALEMÃO, 2007, p. 22)

Quando não se encanta pelas frutas locais (afirma que nunca viu melhores mangas que no Crato), pelo menos as abre para estudá-las, como ocorre com o pequi. Em visita a Exu¹¹, faz questão de mencionar também o apreço pelo uso de redes em detrimento de cadeiras, e de cachimbos no lugar de charutos:

Depois de refeitos, voltamos para nossas redes, na sala de fora. É a primeira coisa que se faz, logo que chega qualquer hóspede: armarem-se tantas redes quantos eles são [...]. As redes são nestas terras as cadeiras, os sofás e as camas. Não quero dizer que não haja cadeiras, nas casas mais abastadas há sempre cadeiras [...], e em algumas casas há camas (ALEMÃO, 2007, p. 48).

O botânico observa ainda que “o uso do cachimbo é muito geral nestas províncias; o Sr. Gualter diz mesmo que prefere o cachimbo ao charuto. As senhoras também cachimbam, mas às escondidas” (ALEMÃO, 2007, p. 48). O costume de fumar cachimbos provavelmente chamou a

¹⁰ O Coronel Joaquim Pinto Madeira, líder político e militar natural de Jardim e capitaneou um grupo de revoltosos adeptos da restauração de Pedro I. Após a abdicação do imperador, no ano de 1831, e até fins da década de 1840, numerosas revoltas se desenrolaram no país. No Ceará houve, entre 1831 e 1832, um conflito entre as vilas do Crato e do Jardim, que opunha os liberais aos adeptos da restauração. Ao final do confronto, os liberais cratenses saíram vitoriosos. Pinto Madeira foi condenado à morte, tendo sido fuzilado no dia 28 de novembro de 1834. (Cf. PINHEIRO, 1963, p. 119)

¹¹ Município de pernambucano fronteiriço com o Crato.

atenção de Freire Alemão porque durante a Regência e o Segundo Reinado a moda era “fumar o charuto, e não o cachimbo, preferido pelos europeus [...]” pois “muitos negros brasileiros também fumavam cachimbo, seguindo costume ancestral africano” (ALENCASTRO, 1997, p. 62)

O viajante nota ainda que “as senhoras não aparecem aqui pelo sertão, e principalmente no de Pernambuco, elas não se amostam senão em certas ocasiões” (ALEMÃO, 2007, p. 42). Também comenta que depois das longas viagens, não havia nada mais desejável que um banho, mas nota que

É coisa que raramente se oferece no sertão, isto é sem dúvida devido já à falta d'água no verão, já ao costume de se banharem nos rios. E quando vem água é numa pequenina gamela, ou bacia, onde mal cabem os pés: esta bacia com água se apresenta no meio da sala e o preto, criado ou criada que a traz, com uma toalha ao ombro [...] dispõe-se a lavar os pés dos hóspedes e donos da casa. Nunca pude me acostumar a semelhante uso e mandava levar a bacia para um quarto ou canto, e aí eu mesmo lavava os meus pés e me banhava se estava só. (ALEMÃO, 2007, p. 48)

Desta maneira, apesar de compreender as peculiaridades da região – especialmente a carência de água – Alemão admite o desconforto que sente diante da pouca privacidade (e, talvez, do excesso de servidão a que eram submetidos os criados) durante os atos de higiene pessoal. Provavelmente utilizava também a pouca quantidade de água que lhe era oferecida para lavar o restante do corpo, e não apenas os pés, como costumavam fazer os sertanejos.

No diário de Freire Alemão é possível perceber várias tensões, dentre elas a que se estabelece quando da chegada de outros membros da Comissão: Capanema, Garrido, Dias Coutinho etc. vêm ao Crato em 25 de janeiro de 1860. Ao chegarem, não visitam Alemão, que, segundo relata, mandou um ordenança enviar-lhes o recado de que oferecia a própria casa enquanto não tivessem lugar para ficar. Tendo recebido a resposta de que os colegas já tinham casa, o botânico esperou receber ao menos uma visita, o que não ocorreu. Alemão e Lagos resolveram, portanto, visitá-los, e foram recebidos friamente. No dia 27, o conflito chega ao ápice: Capanema vai até a casa de Alemão, conversa com Manoel¹² e Vila Real e depois se retira sem falar com o presidente da Comissão (ALEMÃO, 2007, p. 41). Um dia depois, ocorre uma briga entre alguns dos “científicos”, que então expõem as razões das desavenças que remetiam, entre outros motivos, a uma disputa de poder. Segundo o botânico, Manoel era autoritário com os empregados da Comissão e tomava decisões sem consultar Freire Alemão, fato que o incomodava por ser ele o presidente do grupo. Mas este não era o único problema de convivência entre os “científicos”. De acordo com Renato Braga,

Capanema não se entendia em bons termos com o seu colega Lagos. Havia entre

¹² Provavelmente se tratava do próprio sobrinho de Freire Alemão, Manoel Freire Alemão, também médico e futuro diretor da Seção de Botânica no Museu Nacional.

eles uma quizila que [...] se aprofundou, enfraquecendo a unidade da Comissão. A desavença nasceu [...] logo depois do advento do gabinete presidido pelo Marquês de Olinda. O governo anterior dera a Capanema a incumbência de superintender os preparativos da viagem, porém Olinda, através de ordens sucessivas, foi encarregando Lagos dessas tarefas, a que se prestou de boa vontade, incorrendo no desagrado daquele, que não perdia vaza para espicaçá-lo, no que era acompanhado por Gonçalves Dias, seu amigo íntimo e confidente. (BRAGA, 1962, p. 49)

Além de destacar as vicissitudes internas, é necessário lembrar o contexto em que a Comissão visitou as províncias. Naquela época, os países vizinhos passavam por insurreições de cunho republicano. Por este motivo, o medo de que a “desordem” se instalasse também no Brasil era grande, e qualquer notícia sobre o crescimento da oposição a Pedro II deixava Freire Alemão assustado:

Cheguei a casa e vim logo escrever isso. São quase 11 horas. Lá estava o Dr. Ratisbona, que chegou ontem da capital e tinha conversado com o Lagos, lhe disse que as notícias da corte são más, que o Ministério está todo desavindo, que os periódicos *Tirano* e *Charivari* estão muito exaltados e insolentes, dirigindo-se diretamente ao P. e charqueando dele” etc. etc. O Lagos dá grande crédito a tudo isto, eu dou-lhe quarentena; não deixa isto de incomodar-me e concorreu muito para a minha tristeza de hoje. (ALEMÃO, 2007, p. 27)

O botânico tenta não acreditar nos boatos sobre conflitos da corte, mas fica impressionado a ponto de sentir a necessidade de desabafar com seu diário, mesmo quando já voam altas as horas da noite. As preocupações com a situação do Império chegam a entristecer Freire Alemão diversas vezes. Ao comentar sobre a venda de votos durante as eleições no Ceará e a intolerância política entre partidos adversários em Exu, Alemão cita o grande pesar que sente diante das ostentações de liberalismo e das críticas ao imperador:

Mas o que é triste é a ideia que eles têm da corte e do governo e do soberano; para eles a corte é a depravação personificada, é o servilismo nu e cru. O governo e o imperante governam como governavam os antigos capitães-generais: ali tudo é vendável e corrompido. As arbitrariedades das autoridades subalternas, os distúrbios e morticínios nas eleições, tudo provém do Rio de Janeiro e mesmo diretamente do imperador! (ALEMÃO, 2007, p. 49)

O botânico também faz ponderações relevantes sobre as opiniões dos sertanejos, afirmando que esses “sentimentos perigosos para a tranquilidade e integridade do Império” advêm do procedimento do governo, que, “não dando toda a atenção às províncias longínquas, dá argumentos em que se podem firmar” (ALEMÃO, 2007, p. 50). Freire Alemão afirma em seu diário que a política mais conveniente seria olhar mais para as extremidades do Império que para o centro. Em 5 de março de 1860, o pesquisador já se diz desesperado para deixar o Crato (em grande parte por causa de seu estado de saúde: sofria de febre, dores de garganta, bronquite, tosse etc.). E, em 8 de março, dia de sua partida, afirma que esteve sempre melancólico e mais ou menos adoentado nos três meses que passou na cidade.

O diário de Freire Alemão se assemelha quase sempre a um catálogo de memórias filtradas,

ordenadas e em grande parte destituídas de valor afetivo e simbólico. Por vezes, no entanto, é possível perceber que o viajante não é apenas um pesquisador diligente e um escritor sistemático: é um homem de carne e osso, que sente saudades e se entristece; que se encanta com festas e personagens do Cariri, e que tenta trafegar com cuidado neste terreno de areia movediça em que por vezes se confundem o relato de viagem e o diário íntimo.

Os pesquisadores brasileiros que se aventuraram pelo sertão puderam sentir na pele a experiência de tantos outros viajantes estrangeiros, mas frequentemente foram incapazes de lançar um novo olhar sobre o país: assim como o diário de Freire Alemão é herdeiro de uma ampla tradição de relatos de viagem, seu conteúdo mostra que o botânico se apropriou de uma série de preconceitos forjados e cristalizados por exploradores estrangeiros.

A leitura do diário de Freire Alemão traz a possibilidade de vislumbrar aspectos da primeira grande Expedição Científica brasileira, além de ser um modo de perceber como o sertão do Ceará era visto e descrito. É necessário ressaltar, no entanto, que as declarações ali expostas não eram necessariamente informações oficiais, e que a subjetividade do autor, elemento presente em qualquer tipo de documentação, é na verdade a tônica dos diários e das fontes que constituem, para os historiadores, a chamada “escrita de si”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEMÃO, Francisco Freire. *Diário de viagem de Francisco Freire Alemão: Fortaleza-Crato (1859)*. Vol. I. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2006.
- _____. *Diário de viagem de Francisco Freire Alemão: Crato-Rio de Janeiro (1859-1860)*. Vol. II. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2007.
- ALENCASTRO, L. F. de. Modas da corte e costumes do Império. ALENCASTRO, Luiz Felipe de (org.), *História da vida privada no Brasil 2*. Império: a corte e a modernidade nacional. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, pp. 11-94.
- BRAGA, Renato. *História da Comissão Científica de Exploração de 1859*. Fortaleza: EDUFC, 1962.
- CARVALHO, José Murilo de. *D. Pedro II*. Coleção Perfis brasileiros. São Paulo: Cia das. Letras, 2007.
- GARDNER, George. *Viagem ao interior do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1975.
- GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- KURY, Lorelai. Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol. VIII (suplemento), 2001, pp. 863-880.
- _____. No calor da pátria. In: *Revista USP*, n. 72, dez. 2006. São Paulo: USP, pp. 80-89.
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- MACIEL, Sheila Dias. *A Literatura e os Gêneros Confessionais*. Disponível em: <http://www.ceul.ufms.br/pgletras/docentes/Sheila.pdf>. Acessado em 06/10/10.
- MAUAD, Ana Maria. “Imagem e auto-imagem do Segundo Reinado”. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe de (org.), *História da vida privada no Brasil 2*. Império: a corte e a modernidade nacional. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, pp. 182-231.
- MORAIS, Rita de Cássia de Jesus. *Nos verdes campos da ciência: a trajetória acadêmica do médico e botânico brasileiro Francisco Freire-Allemão (1797-1874)*. 2005. 121 p. Dissertação (Mestrado em História das Ciências). Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz.
- OLIVEIRA, Rosa Meire Carvalho. *Diários públicos, mundos privados: Diário Íntimo como gênero discursivo e suas transformações na Contemporaneidade*. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/oliveira-rosa-meire-diarios-publicos-mundos-privados.pdf>. Acesso em 05 de outubro de 2010.
- PINHEIRO, Irineu. *Efemérides do Cariri*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1963.
- _____. *O Cariri: seu descobrimento, povoamento, costumes*. Fortaleza: edição do autor, 1950.
- PIRES, João Ricardo Ferreira. A narrativa de viagem como exercício auto-referencial da memória: o exemplo de D. Pedro II. *Anais do XIV encontro regional da ANPUH-Rio: memória e patrimônio*. Rio de Janeiro, 2010.
- SILVA FILHO, Antonio Luiz Macêdo. “Advertência”. In: ALEMÃO, Francisco Freire. *Diário de viagem de Francisco Freire Alemão: Fortaleza-Crato (1859)*. Vol. I. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2006.